

# MORTALIDADE MATERNA NO BRASIL: UMA REALIDADE AINDA EXISTENTE?

Congresso Online Brasileiro de Medicina, 1ª edição, de 22/03/2021 a 24/03/2021

ISBN dos Anais: 978-65-86861-87-7

LIBONATI; Leticia Gonçalves<sup>1</sup>, MORE; Paula Fonseca de Sena<sup>2</sup>, MATOS; Carolina Brabec Barreto<sup>3</sup>, RIOS; Juliana Darbra Cruz<sup>4</sup>, COUTO; Lara Stefany Dantas<sup>5</sup>

## RESUMO

**Introdução:** A mortalidade materna (MM) é definida como a morte de uma mulher durante a gestação ou dentro de um período de 42 dias após o término da gestação, independente da duração ou da localização da gravidez, e a partir de qualquer causa relacionada ou agravada pela gravidez ou seu tratamento, mas não de causas acidentais. A taxa de MM pode ser considerada um excelente indicador de saúde. Reduzir a MM é um dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio das Nações Unidas, uma vez que segundo o Ministério da Saúde do Brasil, cerca de 92% dessas mortes são consideradas evitáveis. **Objetivos:** Descrever o perfil epidemiológico e a tendência da mortalidade materna no Brasil por causas obstétricas diretas. **Metodologia:** Estudo descritivo agregado misto, direcionado para as regiões do Brasil no período de 2010 a 2018. A população do estudo consistiu de todos os óbitos de mulheres que se enquadravam como mortalidade materna ocorridos no Brasil no período, registrados no Sistema de Informações de Mortalidade (SIM). Variáveis do estudo: ano, categoria CID, região do Brasil, idade, escolaridade e raça (essas 3 últimas apenas do ano de 2018). **Resultados:** A mortalidade materna aumentou 16,2% entre 2010 e 2014, apresentando queda de 7,7% entre 2014 e 2018. A MM comporta-se de maneira diferente ao analisarmos diferentes causas e aplicarmos variáveis distintas à comparação. De forma geral, no Brasil, a principal causa de morte materna entre as estudadas foram as doenças hipertensivas específicas da gestação (17,9%). Nas regiões Norte e Nordeste, essas correspondem a mais de 20% da MM. Já a placenta prévia mostrou os menores números (1,1%). Essa tendência foi mantida em todos os anos entre 2010 e 2018. Ainda, a MM por infecção puerperal decresceu 55% nesse período no Nordeste. A MM foi maior na faixa etária dos 30 aos 39 anos (43,1%) e entre indivíduos com 8 a 12 anos de escolaridade (54%). Ademais, mulheres pardas possuem a maioria absoluta de casos de mortalidade materna (56,7%), sendo cerca de duas vezes maiores do que em mulheres brancas (27,5%). Entre 2010 e 2018, a região Sudeste correspondeu a cerca de 40% do total de óbitos maternos em cada ano. Os menores índices foram encontrados nas regiões Sul e Centro-Oeste, ambas com apenas 9,7% dos óbitos maternos em 2018. **Conclusão:** O estudo mostrou que mulheres pardas e negras são a maioria dos óbitos maternos, reforçando a importância do planejamento de políticas públicas de assistência em saúde voltadas para essa população. Em contrapartida, a concentração dos registros de óbitos em mulheres com 8 ou mais anos de escolaridade relatada no presente artigo aponta para a subnotificação nas camadas mais pobres e ressalta a importância de traçar estratégias para melhorar a universalidade dos sistemas de informação do Brasil.

**PALAVRAS-CHAVE:** Gravidez, Mortalidade Materna, Período pós-parto, Sistema de Informação de Mortalidade

<sup>1</sup> Discente do curso de Medicina da Universidade Salvador (UNIFACS), letilibonati@gmail.com

<sup>2</sup> Discente do curso de Medicina da Universidade Federal da Bahia (UFBA), paulafdesena@gmail.com

<sup>3</sup> Discente do curso de Medicina da Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública (EBMSP), carolinamatos15.2@bahiana.edu.br

<sup>4</sup> Discente do curso de Medicina da Universidade Federal da Bahia (UFBA), judarbra@gmail.com

<sup>5</sup> Discente do curso de Medicina da Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública (EBMSP), larastefany96@gmail.com